

RONDON — PATRONO DA ARMA DE COMUNICAÇÕES

Ten-Cel NELSON SOUTO JORGE

Transcrito da Revista da Escola de Comunicações, N. 1,
Out/Nov/Dez 1964

Por Decreto n. 51.960, de 26 de abril de 1963, foi consagrado patrono da nova Arma de Comunicações, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Tantos são os feitos dêste grande brasileiro e tantas facêtas apresenta a sua obra, que bem cabia como símbolo de outras instituições.

Nós do Exército, no entanto, não abdicamos desta honra. Fizemo-lo patrono da Arma cuja missão está contida em 25 anos de sua vida. Vinte e cinco anos dedicados à construção das linhas telegráficas, que levaram as comunicações às mais remotas regiões da Pátria, integrando à comunidade nacional o Estado de Mato Grosso e parte do Amazonas.

* * *

Não pretendemos, neste desprezioso trabalho, biografar o grande Rondon. Nosso objetivo é prestar-lhe as homenagens dêste primeiro número da Revista da Escola de Comunicações, ressaltando alguns aspectos de sua vida, de sua obra, enfim, de sua luta pelo desenvolvimento do nosso sistema de comunicações, pela integração do solo nacional, pela proteção e assimilação do silvícola à nossa civilização.

* * *

Após brilhante curso na Escola Militar da Praia Vermelha, era Rondon promovido a "Alferes Aluno", em julho de 1888 e, ainda neste ano, matriculado na recém-criada Escola Superior de Guerra. Em 1890, concluiu o curso, em 1º lugar, com o título de Engenheiro Militar e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Por essa época, o governo havia criado a "Comissão Construtora de Linhas Telegráficas", cujo chefe dos trabalhos no Estado de Mato Grosso, o saudoso Gomes Carneiro, futuro herói do Cêrco da Lapa, escolheu Rondon, por seu valor, por suas qualidades, para Adjunto da Comissão.

Aí inicia-se a grande obra de Rondon. Sua atuação em tão importante missão, inicialmente como um dos auxiliares de Gomes Carneiro e depois como chefe da Comissão, revestiu-se de tal importância, foram de tal monta os objetivos alcançados, tudo fruto da sua com-

petência, dedicação, desprendimento e da exata noção do cumprimento do dever, que o conduziram ao encontro da História, e o imortalizaram para sempre.

As linhas telegráficas foram lançadas na direção do Araguaia, com início em Cuiabá, em busca da ligação com Minas Gerais. Embora enfrentando a selva mais agreste, o índio hostil, a constante falta de recursos e as doenças tropicais, jamais esmoreceu Rondon em sua obra. E depois de 13 meses de árduo trabalho, a Comissão completava a instalação de 600 km de linhas telegráficas, chegando a Registro, no Araguaia, dando um passo de gigante para o estabelecimento das comunicações de Cuiabá com Minas, Goiás e Rio de Janeiro.

Em 1891, por indicação de Benjamim Constant, seu grande amigo, era Rondon nomeado professor de Astronomia e Mecânica da Escola Militar. Mas a sua vida calma da cátedra não duraria muito. E, como disse ele próprio, “êste plano de uma vida remansosa que passaria a ter entre a família que ia fundar e as funções de lente, teve que ser modificado inteiramente”.

Não pôde recusar o apêlo de Gomes Carneiro para que continuassem a obra que haviam iniciado. E em 1892, era nomeado chefe do 16º Distrito Telegráfico de Mato Grosso. Fato interessante: com a nova comissão perdia Rondon a condição de Major comissionado, voltando ao pôsto real de Capitão. Suas palavras sôbre êste fato, bem mostram sua aprimorada formação militar e de patriota: — “Foi sempre minha norma não olhar para trás, viver tão intensamente quanto possível cada nôvo dia, frente erguida pelo pensamento — importa mais do que a própria vida, o espírito com que a vivemos”.

* * *

Os anos de 1892 a 1898 passaram-se com Rondon lançando novas linhas, reparando as já estabelecidas e construindo inclusive um trecho da estrada estratégica de Goiás a Cuiabá, tendo em vista terem-se tornado tensas as relações entre o Brasil e a Argentina, que discutiam a questão do território das Missões.

Há uma passagem da vida de Rondon, neste período, que deve ser citada para mostrar sua fibra de soldado e suas qualidades de chefe. Deixamos que êle mesmo relate o fato, pela pena da escritora Esther de Viveiros, sua biógrafa: “No dia da partida (para o Rio), já a bordo as bagagens, recebi um telefonema: os soldados da Comissão haviam-se revoltado e, depois de expulsar os oficiais, entregavam-se no acampamento à mais desenfreada orgia, quase todos em estado de embriaguez.

O tempo era limitadíssimo para agir. Por outro lado, como partir, deixando a Comissão entregue à indisciplina?

Não hesitei.

— Ordenança, o meu cavalo!

Embora temendo que me não fôsse possível regressar a tempo, acatou minha espôsa essa decisão.

Parti em desabalado galope. Montava um vigoroso cavalo que, ao chegar ao acampamento estava branco de espuma.

Refreado de súbito, o animal sentou-se.

Com um salto, desmontei.

— Corneteiro! Toque reunir soldados em acelerado.

Os soldados obedeceram ao toque, os embriagados instintivamente acompanhando os que ainda conservavam o raciocínio.

— Corneteiro! Gritei novamente, toque reunir oficiais em acelerado.

Vieram êstes se aproximando, deixando a mata onde se haviam refugiado.

Formados todos, fiz sentir aos soldados a gravidade do ato praticado. Tinham-se tornado indignos da farda que traziam.

Os oficiais foram também severamente admoestados.

— Um oficial não pode abandonar o seu pôsto — nêle morre se necessário fôr.

Destaquei depois um pelotão para ir a mata buscar varas.

E durante uma hora, foram os soldados, em forma, vergastados.

Depois de deixar cada um no seu pôsto, regressei amargurado. Doía-me profundamente ter sido forçado a recorrer ao processo do Conde de Lippe.

Entreguei-me a amargas reflexões sôbre o fato de serem sempre enviados, para trabalhar na Comissão, homens indisciplinados, na fase ainda da "obediência forçada".

E sob a impressão ainda dêste melancólico incidente partimos".

Esta atitude, rude para a nossa época, mas perfeitamente admissível e compreensível no ambiente em que viveu Rondon, revela, no entanto, sua ascendência moral sôbre os subordinados, a energia de suas atitudes e a justeza do seu procedimento.

Enfim, é uma afirmação categórica de suas qualidades de chefe e de líder.

* * *

Em 1900, sendo plano do Govêrno ligar a Capital da República às fronteiras de Mato Grosso com a Bolívia e o Paraguai, visando o estabelecimento de um sistema de comunicações necessário à segurança nacional, foi Rondon nomeado chefe da Comissão encarregada dos trabalhos. Imediatamente lançou-se no cumprimento da nova missão.

Aqui não são só os índios, a selva, as doenças, há também o pantanal mato-grossense e a densa bacia hidrográfica, inclusive o caudaloso Paraguai.

Mas todos os obstáculos são vencidos e a 1 de janeiro de 1904, chegavam as linhas telegráficas a Corumbá, estabelecendo a ligação com Cuiabá. O regozijo da população era geral, grandes festas estavam programadas, mas, com a espôsa enfêrma, só desejava Rondon voltar a Aquidauana.

“E assim foi, diz êle. O pantanal estava cheio — entretanto, nada me poderia deter. Cumprida minha tarefa, corri para junto dela como agulha que ímã irresistivelmente atrai. Viajava noite e dia, seguido pelos meus dois fiéis bororós, que me seguiam como se fôsem minha sombra. A água chegava às vêzes à barriga dos cavalos, mas não havia dificuldades, cansaço, fome e frio que me fizessem consentir em retardar de um minuto sequer o momento de chegar a Aquidauana, onde estava ela”.

Grande soldado, grande líder, grande espôso, grande chefe de família.

* * *

Em 1906 estavam estabelecidas as linhas com Pôrto Murinho, Forte de Coimbra, Bela Vista e Cáceres, portanto concluídas as ligações com as fronteiras da Bolívia e Paraguai. Em setenta meses, trabalhando sob condições as mais precárias, inclusive com constante falta de recursos, a Comissão cumpria o que se lhe impunha. Estavam construídos 1.746 km de linhas telegráficas através da selva e do pântano.

* * *

Ao regressar ao Rio de Janeiro, já encontrou Rondon nova incumbência a sua espera. Exposta pessoalmente pelo Presidente Affonso Penna, implicava em embrenhar-se através da selva amazônica, procurando, com a presença das comunicações e explorações científicas, consolidar a incorporação ao Brasil dos territórios do Acre, do Purus e do Juruá.

Disse-lhe Affonso Penna: — “Acha exequível semelhante projeto, naquelas zonas despovoadas e destituídas de recursos próprios?”

— É só querer, respondeu Rondon.

— Pois eu quero, e confio-lhe a execução dêsse trabalho, com plenos poderes, tratando o senhor do assunto diretamente comigo”.

* * *

Apresentava-se o palco da nova epopéia com aspectos bem mais sombrios. Ali iria Rondon defrontar-se com a impenetrável selva amazônica; ali habitavam tribos as mais selvagens; ali jamais o chão

havia sido palmilhado pelo homem branco. Nada deteve, no entanto, a fibra, a vontade férrea, a forte determinação de Rondon. Lançou-se, resoluto, em mais esta tarefa, que com tanto entusiasmo e dedicação realizava pela sua Pátria.

Nesta luta, não sabemos o que mais admirar em Rondon: se a sua extraordinária tenacidade, persistindo sempre, mesmo quando, de vontade de lançar-se à luta, só restava a sua; se o seu espírito humanitário ao tratar o silvícola, procurando incutir nos companheiros a noção de "morrer se necessário fôr; matar, nunca", lería positivista, sim, mas que nunca afastou Rondon do cumprimento do dever; se a sua capacidade de trabalho e de condução de homens, dirigindo e mesmo, êle próprio, realizando trabalhos os mais penosos, muitas vezes com a febre alta da malária, constante em todos os membros da Comissão; se a sua coragem e serenidade ante índios e feras, procurando catequizar aquêles e enfrentando e abatendo estas; se a sua competência na realização dos trabalhos de construção das linhas telegráficas e de levantamentos topográficos e geográficos, corrigindo locações e colocando em cartas acidentés ignorados.

* * *

Os trabalhos tiveram início em 1907 e em 1915 estavam as ligações entre Cuiabá e Santo Antônio, no atual Território de Rondônia, concluídas, inclusive com ramal para Guajará-Mirim.

Cumpria Rondon o que prometera ao Presidente Affonso Penna, embora ainda, por longos anos, continuasse sua luta de desbravador do sertão brasileiro.

O penosíssimo encargo implicou no lançamento de 2.270 quilômetros de linhas através da selva, com a instalação de 25 estações telegráficas.

* * *

Aí está, em largos traços, o trabalho de Rondon no campo das comunicações.

Muito, no entanto, ainda teríamos que escrever se fôssemos levantar sua obra por inteiro. A atuação de Rondon nos trabalhos de Inspeção de Fronteira, na criação do Serviço de Proteção aos Índios, na Expedição Científica Roosevelt-Rondon e na Missão Diplomática na questão de Letícia constituem outros magníficos capítulos de sua vida. É, portanto com orgulho e como um exemplo a seguir, que a Arma de Comunicações tem como patrono o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, cuja única preocupação na vida foi — servir. Servir ao Exército, servir à Pátria, servir à Humanidade.